

23º REUNIÃO ANUAL DA ANPED: TRABALHO A SER ENCAMINHADO PARA O GT EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

« A TELEVISÃO BRASILEIRA ENQUANTO *TERMINAL COGNITIVO* DA SOCIEDADE »

Os mais remotos registros da vida humana comprovam que - desde os primórdios da história - o homem, em contato com a natureza foi a ela se adaptando e desenvolvendo técnicas que aprimoram cada vez mais sua forma de vida.

Para isso criou símbolos e formas de representação de sua realidade, que além de sistematizar suas próprias reflexões permitem-lhe produzir novos conhecimentos e, sobretudo, comunicá-los. Essa é a gênese da vida humana, da Ciência e da Comunicação, complementares e inseparáveis na sua essência.

O homem evoluiu e fez evoluir o mundo ao seu redor. Aprendeu a cultivar a terra e a transformar o produto por ela oferecido. Passou a viver em sociedade, institucionalizou sua maneira de produzir conhecimento e ampliou suas formas de comunicação, através de redes cada vez mais complexas de representações.

Chegamos ao final do século XX e nos deparamos com um mundo fortemente marcado pela existência de modernos meios de comunicação social, cuja maior expressão é a televisão, uma caixa eletrônica que em menos de 50 anos revolucionou a sociedade e introduziu novos hábitos nos seus diferentes grupos populacionais.

Entender o fenômeno dos meios de comunicação de massa na sociedade é o grande desafio do homem nessa virada de milênio. São recentes os estudos nesta área, principalmente porque esses próprios meios existem há muito pouco tempo e se tornaram acessíveis à maior parte da população a partir da Segunda Guerra Mundial. Mais recentes e controversos ainda são os estudos que procuram dar conta da relação, possível e necessária, entre a novidade introduzida pela comunicação na sociedade e a educação.

Este trabalho é um deles e apresenta um estudo de recepção do telejornal brasileiro, realizado junto a moradores do bairro Fazendinha, na periferia da cidade de

Curitiba, região Sul do Brasil, entre os meses de agosto de 1997 a fevereiro de 1998¹. A partir dele é feita uma análise do papel dos meios de comunicação de massa numa sociedade econômica e culturalmente determinada, a fim de comprovar o *status* da televisão enquanto « terminal cognitivo » e suas modalidades enquanto transmissora de conhecimento.

1.1 - A TV enquanto terminal cognitivo:

Para fazê-lo recorreremos ao conceito desenvolvido por Geneviève Jacquinot. Ao fazer uma analogia à afirmação de Chambat et Ehrenberg, segundo a qual a televisão é « um espelho através do qual um grupo de homens se reconhece » e sobre o qual se estabelecem esteriótipos diversos e contraditórios », Jacquinot desenvolve o conceito de televisão enquanto « terminal cognitivo ». Diz a autora:

« podemos dizer que a televisão, na sua relação com o saber e em consequência a escola, - é um « terminal cognitivo » ao redor do qual se focalizam os esteriótipos os mais diversos e os mais contraditórios que constituem o pano de fundo da experiência da televisão e o que ela tem a ver com a maneira de perceber, compreender e aprender, pois « os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, constituem a forma decisiva de percepção e de organização da realidade exterior. »²

Para a autora, existe um aspecto em geral encoberto pelas pesquisas sobre a relação criança-televisão-escola, que é justamente seu *statuto* de « objeto cognitivo », independentemente de sua programação e do conteúdo de suas mensagens.

O que significa que, para ela, falar da televisão como « terminal cognitivo » representa considerá-la como « objeto social » no sentido definido por Chambat e Ehrenberg, ou seja, como « relação entre as pessoas que passa pela mediação de um objeto em uma situação determinada ». Dessa maneira, o que interessa é saber justamente « o que é saber » numa época na qual a televisão faz parte do cotidiano dos alunos.

¹Este texto foi extraído da tese de doutorado intitulada « O papel do telejornal na sociedade brasileira: um estudo de recepção junto aos trabalhadores de Curitiba », realizada sob a orientação de Mme. Geneviève Jacquinot, e defendida em 17/12/99, na Université Saint Denis, Paris VIII, na França.

²JACQUINOT, Geneviève. La Télévision: Terminal cognitif in: *Reseaux*, Paris: CNET, nov/dec/1995, n° 74, p.12-29.

Essa dimensão cognitiva do terminal televisão pode ser compreendida, segundo ela, de três maneiras: através do « imaginário atual da televisão »; através « da diversidade, social e culturalmente situada, das modalidades de consumo televisivo » e através « da modalidade cognitiva própria da televisão ».

Analisando a primeira delas, Jacquinet nos mostra que a representação social da televisão sempre esteve ligada ao divertimento, o que por sua vez a coloca em oposição aos valores da escola representados por uma certa representação de aprendizagem. Assim, à uma escola única e fundamentada num modelo de comunicação unidirecional, se opõe uma televisão diversificada, disponível a qualquer instante a quem quer que seja, com uma programação variada que atende às mais diferentes expectativas.

Ligadas a essa representação social da televisão estão as práticas de consumo de sua programação. Citando vários estudos feitos sobre tais práticas, Jacquinet observa a importância da variável « filiação cultural » quanto ao olhar televisivo e afirma que « o espetáculo televisivo como prática de lazer pode ser considerado um fator de discriminação cultural », « de distinção ». Assim, os supostos efeitos negativos atribuídos à televisão, na realidade, resultam da falta de acesso a diferentes atividades culturais, bem como do despreparo da escola e das famílias para a apropriação das informações televisivas.

Finalmente, a autora fala da modalidade cognitiva própria da televisão, destacando seus três traços essenciais: « ela se opõe ao modelo canônico monolítico e transmissivo há muito tempo difundido pela escola; ela se inscreve, em revanche, perfeitamente no contexto cultural atual que os meios (em especial a televisão) contribuem a determinar e (...) enfim, ela prioriza o modelo de conhecimento como processo interpretativo e relacional. » (Jacquinet, 1995, p.21)

Relacionando tal proposição teórica aos mais recentes estudos de recepção, em especial os da América Latina, encontramos as referências para a análise aqui proposta. O conceito de « terminal cognitivo », proposto por Jacquinet vem de encontro à intuição motivadora do trabalho, que inicialmente denominávamos « dimensão educativa da televisão ». Por outro lado, a contextualização do termo feita pela autora, serviu-nos para delimitá-lo. Falamos de um determinado tipo de saber, não necessariamente o da escola, mas o saber relacionado à percepção e à organização cognitiva da realidade exterior. E o fazemos porque defendemos a idéia de que, em que pesem todas as

implicações sócio-econômicas e políticas da inserção da televisão na sociedade, ela atua de maneira determinante - e ainda pouco estudada - na percepção que o indivíduo tem de si mesmo e do mundo em que vive.

Para analisar como isso acontece num determinado grupo recorreremos à metodologia proposta pelos estudos de recepção que propõem uma contextualização macro e micro social da recepção. Assim, adotamos a idéia de que estudar a comunicação a partir da perspectiva da recepção é uma tentativa de procurar respostas, ainda que parciais, a esta complexidade de conceitos e pressupostos teóricos provocados pelo recente fenômeno dos meios de comunicação de massa na sociedade.

1.2 - As escolhas metodológicas:

Nosso interesse é o de analisar e compreender como a mensagem televisiva - mais precisamente, a transmitida pelos telejornais - é recebida e interpretada pela população que tem como única³ fonte diária de informação a televisão. Procuramos atingir e conhecer uma parte do grande público, formada por cidadãos comuns, não necessariamente organizados, nem tampouco classificados numa ou outra categoria social. Queríamos apenas chegar o mais próximo possível do telespectador anônimo, considerado um número nas pesquisas de audiência, um eleitor nas campanhas políticas, um consumidor para os anúncios publicitários, mas ainda uma incógnita para as pesquisas em comunicação social, em especial, os estudos de recepção.

Partindo do pressuposto de que a mensagem televisiva adquire seu sentido final na recepção, que por sua vez é determinada por uma série de fatores macro e micro sociais, objetivos e subjetivos, buscamos compreender o papel desempenhado pela informação televisiva junto àquela parcela da população que, em geral, só participa da vida política, econômica e social do país através da televisão. Buscamos nos aproximar dos telespectadores cuja vida diária se resume à rotina de ir de casa para o trabalho e do trabalho para casa, sem acesso a qualquer outro tipo de lazer, informação e entretenimento.

³ Usamos aqui o termo « única » no sentido de predominante, sem desconsiderar que ao sair às ruas, olhar para uma banca de jornal, no local de trabalho, no bar, no ônibus, o indivíduo recebe uma série de informações que lhe são úteis e o colocam ao par dos acontecimentos do mundo.

Como apontam os primeiros estudos sobre a sociedade de massas, tais indivíduos, nos centros urbanos, na maioria das vezes, não conseguem realizar seus objetivos de melhora de vida, perdem sua identidade e suas referências culturais e vão pouco a pouco, ganhando novos perfis. Vivem diariamente a contradição de estarem inseridos numa sociedade tecnologicamente desenvolvida sem ter acesso aos seus bens de consumo. Recebem informações de todas as partes do planeta, sem ter como expressar suas idéias e opiniões na nação da qual fazem parte. Estão conectados ao país e ao mundo, confinados nos limites de sua pobreza e ignorância. Buscamos então compreender de que maneira a televisão atua junto a esses indivíduos. Não como mera manipuladora de idéias e opiniões, o que também o é, mas como uma nova referência em termos políticos, sociais e culturais, com sua nova linguagem e sua nova maneira de representar a realidade.

Escolhemos para essa análise um público formado por moradores de um bairro periférico da cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná. Buscamos trabalhar com um grupo que representasse o universo sócio-cultural e econômico característico das massas urbanas de um país como o Brasil. Não o de uma cidade como São Paulo, no qual « dois Brasis - o do primeiro e o do terceiro mundo », convivem de maneira contraditória e conflituosa. Mas o de uma cidade que representasse um nível intermediário de desenvolvimento, mais próximo do real nível de desenvolvimento do país.⁴

Fez-se o contato com um grupo formado por lideranças da paróquia local, que naquele momento estava organizando uma pesquisa sobre o bairro e começou-se a discutir a viabilização do trabalho conjunto: paralelamente ao estudo da realidade sócio-econômica e cultural do bairro, seria realizado o estudo de recepção dos telejornais. Dois questionários foram preparados e discutidos detalhadamente: um, feito por essas lideranças, buscava traçar o perfil das famílias do bairro e suas principais necessidades e o segundo, específico sobre a recepção dos meios. Nesta etapa do trabalho não se tinha ainda certeza sobre o número de famílias que seriam entrevistadas, pois o objetivo do grupo era justamente o de fazer o censo de tais famílias. Decidiu-se então que, em cada grupo de cinco famílias entrevistadas, uma responderia também o questionário sobre a

⁴Na tese, da qual este artigo foi extraído, detalhamos no capítulo nove as principais características da cidade de Curitiba e do bairro Fazendinha, onde o estudo de recepção foi realizado.

recepção dos telejornais. No final do trabalho, foram realizados 210 questionários sobre o perfil das famílias e 40 específicos sobre a recepção dos telejornais.

Além dos questionários, dois outros trabalhos de coleta de dados foram realizados neste período. O primeiro foi a realização de reuniões de grupo, nas quais após assistir o telejornal fazia-se uma discussão sobre ele. O segundo foi a aplicação de um terceiro questionário, que denominamos de « amarelo »⁵, no qual procurou-se analisar a recepção de uma mensagem específica do telejornal, transmitida nos meses de dezembro de 97 e janeiro de 98, sobre a entrada em vigor do novo código nacional de trânsito. Para aplicá-lo usou-se como critério a mesma proporcionalidade acima mencionada e chegou-se a um total de 40 questionários respondidos.

Após a sistematização de todos esses dados e da organização de suas informações, foram feitas uma série de entrevistas com pessoas do bairro, desde administradores regionais, até comerciantes, religiosos e motoristas de ônibus. Foi através desse conjunto de técnicas de investigação que conhecemos um pouco mais sobre a Curitiba que não aparece nos cartões postais e que descreveremos a seguir.

2 - O receptor:

As pessoas foram entrevistadas em suas próprias casas, o que já nos apresentava as primeiras informações sobre o universo micro social da recepção. Alguns já conheciam as lideranças paroquiais, seus próprios vizinhos e, então, o contato se tornava mais fácil. Outros respondiam as perguntas na esperança de que diante do relato de suas vidas precárias, pudessem receber alguma espécie de ajuda.

Embora as entrevistas fossem realizadas com apenas um membro de cada família, tomou-se o cuidado de entrevistar alternadamente homens, mulheres e jovens adultos, de modo que no conjunto, todos fossem representados de maneira proporcional. Isso foi possível porque o trabalho foi feito em dias e horários diferenciados, o que permitiu o acesso não somente à dona de casa, mas também aos chefes de família e aos filhos adultos já inseridos no mercado de trabalho.

Como o objetivo da pesquisa - tanto a proposta pelas lideranças da paróquia como o estudo de recepção - não é o levantamento de dados estatísticos sobre a população do bairro, na apuração dos dados usamos como critério destacar as principais

informações e, a partir delas, fazer a descrição das características reveladas, sem a preocupação em citar os percentuais exatos de uma ou de outra resposta.

A maior parte das famílias do bairro são oriundas do interior do Paraná. Cerca de um terço dos entrevistados afirmaram ter nascido em Curitiba e apenas uma parcela bem menos significativa é formada por migrantes dos demais estados brasileiros. Da mesma forma, pode-se confirmar a origem étnica dessa população, majoritariamente branca e descendente das colônias de imigrantes europeus que se instalaram em toda região sul brasileira.

As famílias entrevistadas, além do núcleo -pai, mãe e filhos - agregam também em muitos casos, avós, tios ou mesmo os netos, frutos de gravidez precoce dos adolescentes, que não têm condições de constituir família e se sustentar sem a ajuda dos pais. O número médio de pessoas em cada família é cinco e a faixa etária de seus integrantes é majoritariamente de menos de 30 anos.

Embora os questionários apresentem um levantamento completo sobre a escolaridade de todos os membros das famílias entrevistadas, consideramos aqui apenas os resultados referentes aos adultos, que com poucas exceções, já estão fora da escola, ou porque concluíram os estudos ou porque o abandonaram para trabalhar.

Constatamos que na maior parte das famílias entrevistadas, seus adultos fizeram apenas as quatro primeiras séries do primeiro grau. Uma segunda parcela significativa chegou a cursar até a oitava série, sendo que destes, nem todos chegaram a concluir o hoje denominado Ensino Fundamental. O terceiro grupo expressivo é o de analfabetos, cerca de um quarto da população entrevistada⁶. Os dois outros grupos, são pequenos e formados por pessoas que declararam ter o segundo grau incompleto e completo. Em nenhuma das famílias foi encontrado alguém que tenha chegado à universidade.

A maior parte das famílias entrevistadas afirma ser da religião católica, embora desse grupo, boa parte se declare também não ser praticante, o que significa que não frequentam a paróquia regularmente.

⁵ Essa denominação foi dada porque para facilitar a organização e sistematização dos dados, utilizamos folhas amarelas para esse questionário sobre o novo código de trânsito.

⁶ Os questionários apontam que aproximadamente 50 pessoas declararam ser completamente analfabetas e nunca ter ido à escola. Esse dado, tirado de um bairro periférico de uma das regiões mais ricas do país, aponta para o grande problema educacional brasileiro, ainda longe de atender às necessidades de sua população. Deve-se ainda considerar que completando esse dado, a maior parte dos entrevistados declarou ter cursado apenas até a 4ª série primária, o que significa que pode se enquadrar no índice de analfabetismo funcional.

Cerca de um terço do total atingido pelos questionários afirmou pertencer a alguma das diversas religiões evangélicas que atuam no bairro, dentre as quais destacaram a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Pentecostal. Poucas pessoas declararam não pertencer a nenhuma Igreja.

A maior parte do grupo afirmou também não participar de nenhum tipo de organização política, sindical ou popular. Alguns poucos afirmaram fazer parte da Associação de Moradores, o que se justifica principalmente pela necessidade de se regularizar os terrenos de suas casas. Mesmo assim o número dos que apontaram tal participação é inexpressivo para se caracterizar como uma organização combativa e capaz de enfrentar o poder público municipal ou o proprietário da área.

A participação em partidos políticos e sindicatos também é praticamente nula. Parte dos indivíduos das famílias entrevistadas não tem sequer os documentos de identificação, necessários para o exercício profissional e de cidadania, como a certidão de nascimento, a carteira de identidade, a carteira profissional e o título de eleitor. Essa pergunta entrou no questionário, pois as lideranças no trabalho diário com as famílias já tinham uma noção desse problema e intencionavam conhecê-lo melhor para ajudar a população a obter tais documentos, essenciais para o acesso a alguns serviços sociais como escola e posto de saúde. A pesquisa mostrou que várias crianças, já em idade escolar, sequer « existem » para o município ou o país, pois não foram registradas nos cartórios após o nascimento.⁷ Literalmente, integram essa « enorme massa de pessoas semelhantes e iguais, que inseridas *dentro* da sociedade, são uma ameaça constante de sua destruição. »

A realidade profissional das famílias entrevistadas revela um pouco mais do perfil econômico dos moradores das três vilas analisadas. Na maior parte das famílias pelo menos dois adultos trabalham. Do total de pessoas que trabalham, praticamente a metade não tem carteira assinada, o que significa que não estão protegidas pelas leis trabalhistas que garantem o salário mínimo vigente no país, o fundo de garantia por

⁷ O governo sancionou uma lei que permite o registro gratuito dos nascimentos nos cartórios, mas efetivamente essa lei não foi colocada em prática. Os cartórios são empresas particulares que alegam viver deste tipo de prestação de serviço e se recusam a cumprir a lei. A fiscalização não é rigorosa e tudo continua como está.

tempo de serviço, a previdência social, o seguro maternidade, as férias, o 13º salário e o seguro desemprego.⁸

O número de desempregados é expressivo, cerca de um quinto do total de adultos economicamente ativos, enquanto que, o de aposentados é praticamente inexistente. O baixo número de aposentados deve-se também ao fato de que essas pessoas que vinham do interior para a capital, não eram registradas em seus empregos e portanto, não têm direito à aposentadoria, sendo obrigadas a trabalhar até morrer.

Como a maior parte do grupo não tem nem o primeiro grau completo, as ocupações por eles exercidas no mercado de trabalho são as de ajudante geral e auxiliar. As mulheres, normalmente, são empregadas domésticas mensalistas ou diaristas⁹, babás, e ajudantes de cozinha. Algumas declararam ser autônomas e se dividem em funções como vendedoras ambulantes de roupas, calçados e produtos de beleza, manicure, cabeleireira e costureiras.

Os homens, por sua vez, dividem-se entre as funções de pedreiro, pintor e carpinteiro, nas indústrias de construção civil e de ajudante geral nas indústrias metalúrgica e prestadoras de serviços que atuam na região. Os que se declaram trabalhar por conta própria fazem serviços de borracharia, mecânica e funilaria, zeladoria e jardinagem.

A renda familiar mensal da maior parte das famílias entrevistadas é de até três salários mínimos. Do total de questionários respondidos, apenas dez famílias afirmaram ter renda superior a seis salários mínimos, enquanto outras seis declararam não ter nenhum tipo de renda.

Essa renda familiar mensal determina as condições de vida da população entrevistada. Como se trata de uma área ocupada irregularmente, quase a totalidade das

⁸ Trabalhar sem carteira significa estar no mercado informal de trabalho, cada vez mais expressivo nos grandes centros urbanos, graças ao agravamento da crise econômica e do aumento das taxas de desemprego.

⁹ Mensalistas são as empregadas domésticas que trabalham todos os dias na mesma casa e ganham um salário mensal. A lei obriga o registro profissional dessas empregadas, que lhes garante os mesmos benefícios trabalhistas de qualquer outro profissional, mas na realidade muitas famílias não concretizam esse registro e o trabalho engrossa as taxas do mercado informal. O salário mensal normalmente pago para as mensalistas varia entre 1 e 2 salários mínimos. As diaristas fazem o serviço de faxina, lavam e passam roupa pelo preço de um dia de trabalho. Em geral, esse preço varia, em Curitiba, de 30 a 50 reais, mais a passagem de ônibus, o que faz com elas ganhem bem mais do que as mensalistas, embora seu trabalho seja também bem mais pesado.

casas são próprias, ou seja, utilizadas pelos próprios ocupantes¹⁰. Alguns poucos, cerca de 2% das famílias, admitem pagar aluguel e outros 10%, afirmam morar em casa emprestada. A maioria delas não possui o documento de regularização do terreno e aguarda o processo que tramita na Cohab.

Os terrenos têm cerca de 200 metros quadrados e são murados. Sobre eles, os moradores construíram suas casas, de três maneiras possíveis: praticamente a metade do grupo construiu suas casas em alvenaria, enquanto um segundo grupo construiu casas de madeira¹¹ - tipo de habitação característica dos estados do Sul do Brasil - e um terceiro grupo, construiu casas mistas, metade de madeira e a outra de alvenaria.

Segundo Braun, da administração regional Portão, alguns moradores, temendo ser deslocados para outras áreas, preferem não fazer investimentos no terreno e acabam construindo uma casa mais provisória, até o terreno ser regularizado. O que se observou durante o trabalho de pesquisa é que as condições das casas variam de acordo com o poder aquisitivo das famílias. Algumas, são bem construídas e aproveitam bem o espaço que têm. Outras, são mais precárias, têm peças inacabadas, estão sem acabamento e mal conservadas. Muitas estão permanentemente em obras, pois são os próprios proprietários que, nos finais de semana, trabalham no seu acabamento.

Todas as casas entrevistadas têm luz elétrica, embora apenas um grupo de famílias afirme ter o relógio que mede o consumo mensal de energia.¹² Além de luz elétrica, a maioria das famílias afirmou ter televisão e rádio, sendo que a televisão está presente num número maior de casas do que o rádio. Apenas um quinto das famílias afirmou ter também videocassete e telefone. Cerca de um sexto do grupo afirmou ter acesso a jornais e revistas apenas no local em que trabalham.

Como apenas um grupo pequeno de famílias possui carro, o grande meio de transporte utilizado é o ônibus. Alguns poucos afirmaram utilizar também as bicicletas e outros vão a pé para o trabalho. Segundo o coordenador técnico da administração

¹⁰ É preciso que esse detalhe fique bem claro, pois na disputa pelos terrenos urbanos, muitas vezes os « invasores » são acusados de serem oportunistas que se beneficiam das desgraças dos mais pobres, incentivando a invasão para, em seguida, comercializar os lotes regularizados. No que diz respeito às vilas nas quais foi realizado este trabalho, isso não ocorre.

¹¹ As casas construídas com madeiras fazem parte da paisagem dos estados da região do sul do país. Isso porque, a madeira sempre foi abundante na região e o seu custo bem inferior ao da construção em alvenaria.

¹² Em geral, nestas áreas mais pobres e sem infraestrutura, é comum os moradores fazerem ligações clandestinas de luz elétrica, que ficam sujeitas a riscos de acidentes e podem ser punidas pelas autoridades. Embora os entrevistados não tenham admitido essa prática, muitos simplesmente não responderam à questão que perguntava sobre a existência ou não do relógio.

regional Portão, para utilizar os ônibus que passam pelo bairro, até pouco tempo atrás os moradores das três vilas analisadas tinham que andar cerca de 1,5km para chegar até o terminal, pois os ônibus alimentadores, que fazem a ligação dos terminais até os bairros mais distantes, não chegavam até as áreas invadidas.

O acesso à cesta básica está restrito ao grupo de famílias que têm pelo menos um trabalhador com carteira assinada e algumas famílias entrevistadas afirmaram enfrentar sérias dificuldades para sobreviver e alimentar seus filhos. Algumas afirmaram receber a cesta básica como doação de outras famílias um pouco mais favorecidas.

Com tão poucos recursos, o lazer dessas famílias se restringe à própria casa. Nos fins de semana, além de fazer os serviços domésticos, as pessoas acabam descansando diante da televisão para mais uma semana de trabalho. Os que saem, na sua maioria, visitam parentes ou vão à Igreja. Alguns afirmam frequentar parques públicos e o Bosque da Fazendinha está localizado próximo ao terminal de ônibus, mas como em Curitiba o clima é mais frio, essa prática se restringe aos meses de primavera e verão.

Nenhuma das famílias entrevistadas apontou o cinema ou o teatro como atividade de lazer. Alguns afirmaram espontaneamente praticar esportes, fazer pescarias, alugar fitas de vídeo para assistir filmes em casa, frequentar os botecos¹³ do bairro ou simplesmente ficar na rua, como formas de se divertir e passar o final de semana.

2.1- A televisão como « terminal cognitivo » na sociedade brasileira

Apresentamos então os principais resultados deste estudo de recepção. Pudemos confirmar e identificar o status de « terminal cognitivo » de que nos fala Jacquinot (1995), e a partir dessa constatação sistematizamos nossas considerações em três conclusões bastante claras.

A primeira delas é a de que na atual estrutura social brasileira o status da televisão enquanto « terminal cognitivo » - identificado no estudo de recepção - é inversamente proporcional à eficácia das demais instituições sociais, seja no que diz respeito à participação do indivíduo na sociedade, seja na construção da sua representação de si mesmo e da realidade exterior que o cerca.

¹³ Botecos são pequenos bares localizados nos bairros, que em geral, vendem bebidas e têm algumas mesas de jogos onde as pessoas podem se divertir comprando fichas. Em alguns deles, são organizados rodas de samba ou de pagode, ritmos populares brasileiros.

A segunda é a de que, sem acesso ao modelo tradicional de transmissão de conhecimento fornecido pela escola, esse receptor desenvolve suas habilidades cognitivas baseado no modelo proposto pela televisão e passa a se relacionar com o mundo e a emitir o seu senso crítico sobre ele, principalmente, a partir dos valores por ela transmitidos, como a aparência e a emoção.

Finalmente, incorporada ao cotidiano do receptor e às demais implicações sócio-econômica e culturais que lhe são inerentes, essa dimensão cognitiva da televisão é a sua mais importante via de acesso e de integração ao mundo ao qual ele pertence.

No que diz respeito à primeira conclusão, consideramos que, no final do século XX, os meios de comunicação de massa - não pelo que são em termos técnicos e de linguagem - mas pela maneira como são utilizados têm servido majoritariamente a interesses de grupos hegemônicos, em detrimento de uma maior comunicação entre o indivíduo e sua coletividade, entre diferentes regiões, países e continentes. Incorporados pelos grandes segmentos econômicos e pelos países que detém o seu controle, tais meios acabam reforçando estereótipos e cristalizando diferenças. A comunicação tem assim beneficiado o capital e o poder instituído, não apenas da maneira como o fazia descaradamente no período da guerra fria, mas de uma maneira muito mais sutil e perspicaz, dissolvendo em sua programação diária a sedimentação de valores do novo modelo econômico mundial.

Inserida neste contexto mais amplo, essa relação dos meios com a sociedade adquire nuances diferenciadas em cada país, dependendo dos demais elementos que o caracterizam. No caso brasileiro, a submissão à ordem econômica internacional - principalmente a partir dos anos 50 - trouxe consequências desastrosas sobretudo para a área social, como provam os indicadores sobre pobreza, saúde e educação divulgados pelos institutos de pesquisas sócio-econômicas. Somando-se a tais indicadores, uma sucessão de problemas políticos como a corrupção e o jogo de influências e a fragilidade das demais instituições sociais, têm-se as condições objetivas necessárias para que a televisão reine soberana como o maior referencial de transmissão de conhecimento da sociedade.

Diante desse quadro, optamos por aprofundar nossa análise a partir da recepção, justamente por entender que ela engloba a complexidade do processo da comunicação. E aí percebemos que envolver-se com a recepção é envolver-se no jogo de

desigualdades que marca o atual estágio da economia mundial: a globalização de mercados e de mercadorias, mas sobretudo, de idéias. Por isso, a importância de termos aqui inserido o olhar latino para a recepção. Um olhar que, sem desprezar o conhecimento acumulado em diferentes partes do mundo sobre a comunicação e a recepção, ousa sustentar sua identidade.

A história da implantação da televisão no Brasil está diretamente relacionada com o papel que coube à América Latina no período pós-guerra, na disseminação dos valores e idéias impostos pela guerra fria e na ampliação do mercado consumidor, sobretudo para produtos norte-americanos. O maior exemplo dessa estreita ligação de grupos econômicos nacionais com o capital e os interesses internacionais é o acordo entre a Rede Globo de Televisão e o Grupo Time-life, que culminou com o monopólio da emissora na televisão brasileira e determinou suas principais características. Da mesma maneira, poderíamos citar como implicações do cenário global na realidade nacional, a estreita ligação da emissora com o regime militar, a política nacional de concessões de canais de televisão e o financiamento público da programação através de propagandas institucionais, que viciam ainda mais a relação perniciosa entre meios de comunicação e poder político no Brasil.

Foi através desse exercício de vai-e-vem do global para o particular, que chegamos à conclusão de que a recepção do telejornal no Brasil difere da de outros países, à medida em que reflete o avanço de suas instituições e que chegamos à relação que tanto procurávamos entre televisão e educação. A peculiaridade da recepção na América Latina e no Brasil está no contato de sua população com o modelo cognitivo da televisão, sem ter passado pelo contato com o modelo proposto pela escola. Não há a oposição apontada por Jacquinot entre um e outro modelo - embora ela aconteça no plano do imaginário social -, mas a sua substituição. (JACQUINOT, 1995, p.21) O que significa que, para esse receptor, a modalidade cognitiva da televisão é mais intensa, por ser a mais presente e com a qual ele mais se relaciona. Mais do que isso, sendo para o indivíduo a principal fonte de reconhecimento de si mesmo e da realidade que o cerca, a televisão acaba determinando essa «nova leitura do mundo» a partir dos valores que caracterizam a sua programação, em especial a aparência, a emoção, a competitividade e o julgamento maniqueísta dos fatos.

São esses mesmos valores que modelam o conteúdo e a estrutura dos telejornais, intercalando notícias boas e más com curiosidades e excentricidades que poderiam ser inseridas em qualquer outro telejornal do mundo, como determina o novo modelo de globalização da informação. Fundamentada historicamente no vínculo direto e mal intencionado com o poder - essa estrutura da televisão brasileira consolidou no país a filosofia alienante do « pão e circo », que hoje predomina com nova roupagem técnica no seu discurso telejornalístico. Através dela transformou a gravidade da cena política em piada, dramatizou a realidade e fez do telespectador um torcedor apaixonado. Um torcedor que como afirmava um bordão contra a Globo em voga nos anos 80, « não é bobo », mas mesmo assim não tem acesso a outras fontes de informação que lhe permitam sair dessa « mediocridade coletiva » - a mesma identificada por Tocqueville no século passado, junto às massas que constituíram os aglomerados urbanos daquele período. (TOCQUEVILLE in: BARBERO, 1996, p.47)

A análise do discurso do telejornal brasileiro - cujo principal modelo é o *Jornal Nacional* - nos remete então à questão central deste trabalho que é a relação entre a comunicação, a educação e a sociedade. O telejornal brasileiro se insere perfeitamente no modelo de transmissão de conhecimento próprio da televisão, privilegiando a emoção e o prazer, na sua ação cotidiana de se relacionar com o público, em detrimento do esclarecimento dos fatos e da prática de um jornalismo minimamente investigativo e democrático. Além disso, o poder centralizador da Globo na guerra pela audiência impede que outras experiências jornalísticas venham a termo, monopolizando não só o conteúdo da informação, como sua forma de ser transmitida.

Ora, o receptor não é passivo, mas sua capacidade de reinterpretação dos fatos se restringe ao seu universo econômico e cultural. A televisão é uma forma de « distinção cultural », como nos faz lembrar Jacquinet. Além disso, ele não pode interpretar aquilo que não vê, nem tão pouco os « silêncios » tão presentes em toda a América Latina, como enfatiza Orozco.¹⁴ Portanto, toda a análise da estruturação da mensagem televisiva deve considerar necessariamente aquilo que nela não aparece, os seus vazios.

Através da primeira parte deste trabalho pudemos concluir os determinantes econômicos e políticos que criam esses vazios, seja em termos internacionais - a partir

¹⁴OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Conocer para Transformar. Perspectiva latinoamericana en la investigación medios y niños. in: Forum International de chercheurs « Le jeune et les medias demais. », Paris, 21-25/avril/1997.

do lugar que cabe ao Brasil no contexto mundial -, seja em termos nacionais - a partir do peso de cada região e cidade no cenário brasileiro. De uma maneira geral, constatamos que a região Sul do país e o Paraná aparecem com frequência no telejornal nacional e que isso se deve muito mais em razão da estrutura local das emissoras de televisão do que da importância do estado no contexto econômico e político do país. O Paraná aparece então no noticiário, sempre que tiver uma reportagem bem elaborada dentro dos parâmetros técnicos estabelecidos, não importando o seu conteúdo. Em contrapartida, tivemos a oportunidade de constatar que, sem as mesmas condições técnicas, a região Norte só aparece se tiver alguma notícia que atenda à demanda imposta pelo mercado, como por exemplo, notícias sobre a Amazônia que despertam interesse pelo seu exotismo.

Assim, a identificação do receptor com as notícias tem pouco a ver com os valores locais e regionais e acontece a partir justamente daquilo que o faz pertencer à nação enquanto consumidor ou cidadão. Por isso, pudemos perceber que os receptores tanto da região norte, com os quais tivemos um pequeno contato, como os da região sul, onde efetivamente realizamos este estudo, têm uma visão geral semelhante em relação ao telejornal. Tanto um como outro se identifica com reportagens sobre o aumento do custo de vida, leis trabalhistas e coisas que digam respeito à sua vida diária. Mesmo que tais aspectos independam da sua identidade étnica, cultural e regional. O telejornal apresenta então uma variedade de fatos de interesses comuns, ora situados em Brasília, ora em Belo Horizonte ou qualquer outro ponto do Brasil. O receptor acaba se identificando com a condição de classe das pessoas que aparecem no telejornal, como no exemplo da cozinheira que pleiteava o cargo de diretor de escola.

Portanto, do ponto de vista da estrutura da mensagem, o discurso do telejornal brasileiro está adequado aos padrões de globalização da comunicação, segundo os quais a notícia enquanto mercadoria deve atingir e interessar o maior número possível de pessoa. A reação do receptor a essa nova ordem de informação é que passa pelas mediações culturais existentes entre ele e a mensagem e vai depender do grau de influência de cada uma delas em sua vida. Ainda assim, a força dessa estrutura do discurso televisivo acaba por revelar determinados significados e esconder outros. Os receptores que participaram desta pesquisa reconhecem, por exemplo, que nem tudo aparece na televisão, enquanto algumas notícias se repetem com certa frequência, mas

não conseguem explicar porque isso acontece. E não o explicam porque, apesar de lhes parecer simples e inquestionável, é através de tal estrutura e de sua cenarização que a televisão realiza o seu papel de mediadora da realidade.

Cabe aqui uma consideração sobre a metodologia adotada neste trabalho, que considera a análise das mediações culturais essenciais para a compreensão da recepção. O que percebemos no contato direto com o público alvo desta pesquisa vai de encontro à exploração metodológica feita por Orozco. Segundo o autor, « no contexto latinoamericano marcado pela pobreza e pelo analfabetismo e por governos que se afirmam democráticos, mas mantém alto grau de autoritarismo, o uso de técnicas de investigação voltadas para captar o que o receptor diz da mensagem, simplesmente não dizem. Não podem dizê-lo, porque sua expressão é inibida pelas condições de sua existência e pelos sistemas sociais, incluindo o educativo, que reprimem a pessoa humana. » (OROZCO, 1997, op.cit., p.13)

Diante da situação de miséria e de precariedade do grupo com o qual trabalhamos, essa reflexão metodológica se faz ainda mais pertinente. Como analisar a mediação familiar na recepção televisiva, junto a esse receptor cuja família está totalmente desestruturada? Como analisar a reintrepretação da mensagem televisiva no ambiente de trabalho de um receptor que vive marginalizado do trabalho formal ? E assim sucessivamente. Ora, a questão que se coloca é « que mecanismos metodológicos utilizar para analisar a recepção junto a essa camada da população cuja luta pela sobrevivência os coloca no limite da própria condição humana? » E esses mecanismos são como aponta Orozco, os revelados pelos silêncios e pelas ausências.

Essa constatação nos remete à terceira conclusão deste trabalho. Enquanto terminal cognitivo que é, a televisão é a principal via de acesso - senão a única - do receptor à participação na sociedade, que pelas razões acima expostas, o marginaliza e exclui. Portanto, principalmente para o público alvo desse trabalho, a televisão é antes de mais nada uma forma de reconhecimento e de manutenção dessa sua condição humana, como « intuitivamente » julgamos ser possível. E ela assim o é justamente por se fazer presente nas ausências e nos vazios estabelecidos pelo sistema social.

Tal conclusão se apresenta como uma faca de dois gumes. De um lado ela nos coloca diante da « miséria » de um mundo cujos principais valores e ideais se condicionam às exigências de um modelo globalizante de economia e são transmitidos

através dos meios de comunicação de massa. De outro, ela nos faz vislumbrar uma saída possível para a condição que nos foi imposta por tal modelo, através justamente de uma maior integração entre comunicação e educação.

A educação brasileira é um dos setores mais atingidos pela submissão do governo ao modelo internacional de economia e sofre constantemente cortes no seu orçamento. Apesar disso, algumas reformulações foram feitas, primeiro visando torná-la acessível a todas as crianças do país e, mais recentemente, visando diminuir a repetência escolar. Formou-se um consenso na sociedade de que não basta garantir escola, é preciso criar condições para que as crianças nela permaneçam - evitando o trabalho precoce e infantil.

Quando o contexto educacional se apresenta dessa maneira, falar em relacionar comunicação e educação pode soar como algo supérfluo e distante da realidade. A comunicação não é uma das preocupações da sociedade brasileira em geral, tanto em termos subjetivos como objetivos. Sem a compreensão clara do quanto ela está implicada em questões essenciais e estratégicas da sua organização, a sociedade de um modo geral, através de suas instituições - incluindo entre elas as de pesquisa - relega a segundo plano essa discussão.

Apesar desse quadro nada favorável, acreditamos ser necessário o entrosamento cada vez maior entre comunicação e educação. Não através da substituição de um modelo pelo outro. Mas através de um trabalho consciente de reconhecimento das novas modalidades de transmissão de conhecimento, cuja a televisão é uma dos maiores expressões, ou pelo menos a mais acessível.

3 - Referências Bibliográficas:

- BOURDIEU Pierre (1996), « Sur la télévision ». Suivi de l'emprise du journalisme, LIBER, Paris, Raison d'agir, 95 p.
- CANCLINI Nestor Garcia (1997), *Consumidores e Cidadãos*. Conflitos multiculturais da globalização, Rio de Janeiro, 1^a ed. de 1995, Editora UFRJ, 266 p.
- JACQUINOT Geneviève (1995), « La télévision : terminal cognitif », in : *Réseaux*, n° 74, Paris, CNET/CNRS, novembre/Décembre, pp. 11-30.
- LANCIEN Thierry (1995), *Le journal télévisé*. Construction de l'information et compétences d'interprétation, Paris, Crédif/Didier, 125 p.
- LEBLANC Gerard (1987), *Treize heures / Vingt heures. Le monde en suspens*, Éditions Hitzeroth Marburg, printed in Germany, 175 p.
- MARTIN-BARBERO Jesús (1997), *Dos meios às mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 356 p.
- MATTELART Armand (1995), *Histoire des théories de la communication*. Paris, Editions La Découverte, 124 p.
- OROZCO GOMEZ Guillermo (1993), « Conocer para transformar. Perspectiva latinoamericana en la investigación medios y niños », *Forum International de Chercheurs 'Les jeunes et les medias demain'*, Paris, 21-25 avril / 97, 18 p.
- VASSALO DE LOPES Maria Immacolata (1993), « Estratégias metodológicas da pesquisa em recepção », in : *Intercom*, Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, Vol. XVI, n° 2, jul / dez 1993, pp. 78-86.
- WOLTON Dominique (1997), *Penser la communication*, Paris, Flammarion, 399 p.

